

SIMPÓSIO AT016

DIMINUTIVO: UM ESTEREÓTIPO LINGUÍSTICO DO DIALETO MINEIRO?

RODRIGUES, GERALDA FÁTIMA DE SOUZA
Universidade Federal de Mato Grosso (Campus do Araguaia)
aldafatimasouza@yahoo.com.br

Resumo: Sabe-se que língua falada é heterogênea e, de acordo com Weinreich, Labov, Herzog (2006, [1968]), em trabalhos pioneiros sobre a Sociolinguística, esta variabilidade é característica inerente à língua. Muitos são os tipos de variação dialetal no Português Brasileiro e os fenômenos ajudam a explicar como a mudança de uma língua se processa. Por esse motivo, o presente trabalho objetiva avaliar a percepção do falante mineiro em relação ao uso de diminutivos uma vez que os dicionários de mineirês elencam esta forma como uma das especificidades deste dialeto, identificando-o como estereotipado. Formas fonologicamente reduzidas de diminutivo são recorrentes em sites da *Internet* que visam satirizar os falantes do estado de Minas Gerais, então, num primeiro momento, duas questões podem ser formuladas diante dessa preferência por usar diminutivos: (i) para os próprios mineiros, a forma reduzida de diminutivo seria estigmatizada? (ii) essa forma seria tão frequente a ponto de o falante não considerar a forma plena? Para buscar uma resposta a estas indagações, foram realizados testes de escala semântica de diferencial proposta por Osgood, Suci e Tannenbaum (1957) a fim de verificar como os próprios mineiros avaliam a forma reduzida e a plena, além disso, foram inseridas discussões teóricas de Labov (2008) sobre a correlação entre comunidade de fala e estereótipos e seus reflexos na avaliação de uma língua. Os resultados apontaram, a partir das análises dos testes, que o falante mineiro tende a reconhecer as formas reduzidas como formas não padrão e, ao mesmo tempo, reconhecem-nas como expressivas e familiares.

Palavras-chave: Dialeto mineiro; diminutivo; estereótipo; percepção de falante.

Abstract: It is well known that spoken language is heterogenous. According to Weinreich, Labov, Herzog (2006, [1968]), in their pioneer works on Sociolinguistics, this variability is an inherent characteristic of language. There are many types of dialectal variation in Brazilian Portuguese and the phenomena help explain the process through which a language changes. Therefore, this work aims to evaluate the perception of the *mineiro* speaker over the use of diminutives, since the *mineirês* dictionaries present this form as one of the specificities of this dialect, classifying it as stereotyped. Phonologically reduced forms of diminutive are recurrent in the internet sites that aim to satirize the speakers from Minas Gerais, hence, at first, two questions rise before this preference for diminutives: (i) Is this form of diminutive stigmatized even for the *mineiros*? (ii) Is this form so frequently used that the speaker does not consider using the full form? In order to find an answer to these questions, we carried out semantic differential scale tests, as proposed by Osgood, Suci and Tannenbaum (1957) so that we could investigate how

mineiros evaluate reduced and full forms. Furthermore, we added Labov's theoretical discussions (2008) about the correlation between Speech community, stereotypes and their reflexes in the evaluation of a language. The results, through the analysis of the mentioned tests, revealed that the *mineiro* tends to recognize the reduced forms as non-standard and, at the same time, they see them as rather expressive and familiar.

Key-words: *Mineiro* dialect; diminutive; stereotype; speaker perception.

Introdução

No Português Brasileiro, a tentativa de identificação de padrões de ocorrência da forma de diminutivo -inho e sua respectiva redução -im tem levado a diferentes propostas, o que evidencia uma surpreendente complexidade por ele ser muito produtivo. Quando se fala em identidade, deve-se ter em mente como os indivíduos organizam o mundo em que vivem, ou seja, a apreensão cultural e social definem, basicamente, a forma de pensar de determinada sociedade. Dessa maneira, cada dialeto se mantém a partir de características próprias. Entretanto, algumas formas da língua podem ser julgadas como estereótipo, este é o caso, por exemplo, de -inho e -im no dialeto mineiro.

1. Definindo estereótipo

Antes de se prosseguir com a temática em questão, é necessário compreender o que significa o termo estereótipo: é derivado do grego *stereós* = sólido + *týpos* = molde, marca, sinal. A partir de 1920, o escritor e colunista político estadunidense Walter Lippmann, em sua publicação *Public opinion* veiculou uma ideia desprestigiada das minorias valendo-se desta palavra, a partir daí, atribuíram um conceito considerado de cunho negativo todas as vezes em que havia referência a algo que fugia aos padrões estipulados pela sociedade.

2. Estereótipos e comunidade de fala

Em que medida o termo discutido anteriormente teria ligação com fatos

linguísticos? Uma resposta possível seria aquela que postulasse o cunho social da linguagem. Além disso, as análises sociolinguísticas contemporâneas têm revelado a estreita relação entre linguagem e sociedade partindo do pressuposto de que a linguagem possui o papel de dar significado ao mundo real.

Certamente, há informações linguísticas que chamam a atenção ao evidenciar diferenças dialetais que, frequentemente, são alvo de avaliações estereotipadas. A avaliação de inferioridade ou de superioridade conferida a algum aspecto linguístico pode ser atribuída aos valores sociais e não às características inerentes à linguagem. Um aspecto que diz respeito à sociolinguística é a maneira com que a linguagem pode contribuir para o desenvolvimento e a manutenção dos estereótipos sociais; portanto, a análise produtiva de qualquer língua, no que diz respeito ao contexto social, não pode restringir-se apenas ao confronto quantitativo de formas linguísticas em relação a quaisquer estruturas sociais. A tendência de os estereótipos negativos serem mais visados justifica-se pelo fato de a sociedade legitimar formas de dominação e poder. A distinção negativo/positivo é interessante pois estaria ligado a certos usos da língua que revelariam determinados valores sociais.

É preciso lembrar que a sociedade apoia o estereótipo, há uma permissividade consensual. Ainda há que considerar o apoio social que os estereótipos recebem. Apesar de haver convivência entre os grupos, um estereótipo não se extingue simplesmente porque a leitura que se faz é a de que se exclui um membro que não corresponda à visão em foco. Dado o vínculo existente entre língua e comunidade de fala, é importante considerar que as “[...] pressões sociais estão continuamente operando sobre a língua” Labov (2008, p.21) e verificar como diferentes comunidades de fala se comportam em relação a formas estereotipadas.

Assim, os traços estão num processo contínuo de avaliação social e, de acordo com Labov (2008), do mais marcado ao menos marcado socialmente teria esta ordem: estereótipo, com a marca mais forte; marcador, seria a

classificação intermediária e o indicador que, nesta cadeia, possui menos avaliação negativa de acordo com o julgamento social. É importante lembrar aqui que avaliar as formas das variantes é um dos cinco pontos centrais na discussão quando se discute mudança linguística. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, [1968]).

Vale salientar aqui que Bortoni-Ricardo (2005) afirma ser uma característica prototípica das variedades da área rural a tendência a se relacionar com usos da língua que sejam estigmatizados, já a área urbana, possui maior relação com a escrita, apesar de haver subdivisões em falantes das duas áreas.

4. A aplicação dos testes

Um teste foi formulado com a intenção de identificar a atitude do falante em relação ao que ele pensa sobre o uso diminutivo na fala cotidiana. Trata-se de um teste de atitude aplicado a pessoas nascidas em Minas Gerais, de modo a verificar se o fenômeno em análise é um estereótipo positivo ou negativo para os próprios mineiros.

Para responder aos testes, foram selecionados 30 sujeitos, sendo dez pessoas de cada faixa etária assim discriminada: a) de 15 a 21 anos; b) de 36 a 49 anos; c) acima de 69 anos; com relação à escolaridade, optou-se por não fazer distinção, com os intervalos entre as idades, buscou-se retratar o fenômeno de forma mais fiel possível. Foi utilizada a escala semântica de diferencial de Osgood, Suci e Tannenbaum (1957). As localidades escolhidas foram: Conselheiro Lafaiete/MG, para a zona urbana, e está localizada na macrorregião central do estado, na microrregião também denominada Conselheiro Lafaiete, composta por 12 municípios que circundam a região. A cidade possui uma população estimada, pelo IBGE, de em 2018 de 127.539 mil habitantes. Para a área rural, escolheu-se o distrito de Padre Viegas pertencente à cidade de Mariana/MG que possui uma população de 2 002 habitantes.

4.1 A descrição do teste

Aplicou-se um questionário de 25 perguntas, sendo 10 informantes para cada faixa etária a saber: 15 a 21 anos; 36 a 49 anos; acima de 69 anos, oriundos da zona urbana e/ou rural. Para cada questão, foram disponibilizados 7 intervalos ancorados e a marca representa a direção escolhida. Nas extremidades, à esquerda e à direita, as respostas são antagônicas. Para cada item, o informante pode marcar um dos intervalos em uma escala. Se ele considerar que a resposta é um dos extremos, pode registrar os polos +3 ou -3; o intervalo central representa o ponto neutro, ou seja, uma resposta com esta marca significa o equilíbrio. As perguntas desse teste foram respondidas em uma escala de percepção, como descrito a seguir:

1. Mineiro nunca fala final de palavras.
2. Mineiro, mais novo, usa muitos diminutivos na sua fala.
3. Mineiro, mais velho, usa muitos diminutivos na sua fala.
4. A palavra bunitim soa pior que bonitinho.
5. Mineiro usa muito diminutivo em qualquer tipo de fala.
6. Só os mineiros da zona urbana falam as palavras de forma completa.
7. Mineiro da zona rural nunca fala final de palavras.

Na tabela que segue, pode-se observar o resultado geral por faixa etária e é importante frisar que, nas extremidades da escala, tem-se, à esquerda a expressão “concordo plenamente” seguido pelos graus de percepções, depois, “discordo plenamente”. Os números descritos abaixo de cada ponto da escala referem-se à quantidade de pessoas que responderam aos questionamentos.

Tabela 1 Distribuição geral do teste de atitude com relação às perguntas de 1 a 5

Número da pergunta	Faixa etária 15-21 anos	Faixa etária 36-49 anos	Faixa etária acima de 69 anos
1	3 2 5	2 5 3	3 3 1 5
2	3 7	1 3 3 3	2 5 3
3	2 1 5 1 1	3 2 4 1	6 2 2
4	1 5 2 2	2 3 2 2 1	3 2 2 1 1 1
5	1 4 1 3 1	1 3 2 2 2	1 2 2 2 3
6	4 4 2	5 2 1 2	6 3 1
7	7 3	2 3 4 1	6 2 2

Fonte: Elaboração própria.

Sobre a pergunta número 1 “*Mineiro nunca fala final de palavras*”, 70% dos entrevistados, independentemente da faixa etária, rejeitam o estereótipo, ou seja, discordam do fato de o mineiro, reproduzir em sua fala, o diminutivo na sua forma reduzida. Dos entrevistados, 80% têm a percepção de que os mais jovens usam muitos diminutivos na sua fala para a pergunta número 2 “*Mineiro, mais novo, Usa muitos diminutivos na sua fala*”, novamente, aqui, a atitude do falante em relação ao estereótipo é negativa. Acerca da pergunta número 3 “*Mineiro, mais velho, usa muitos diminutivos na sua fala*”, os resultados apresentados apontam para um entendimento, entre os que preencheram o questionário, que os mais velhos tendem a fazer um maior uso de palavras no diminutivo, 93% identificaram o fato. Além disso, os dados mostram que os informantes são sensíveis à variável, esses resultados indicam que o estereótipo é avaliado como algo do passado. Para a pergunta de número 4 “*A palavra ‘bunitim’ soa pior que ‘bonitinho’*” observa-se que

quando se trata de análise um vocábulo em especial, parece que os entrevistados não possuem uma percepção muito clara, pois os valores encontrados foram 37% para a concordância do fato; 30% mantiveram-se num posicionamento neutro e 33% discordaram do fato de a palavra “bunitim’ ter alguma diferença negativa em relação à ‘bonitinho”. Estes resultados mostram que uma percepção diferente: o grau de rejeição ao estereótipo é menor. Somando-se os neutros e os que aceitam, o percentual de informantes que reagem de modo não negativo ao estereótipo é de 67%. As respostas à pergunta número 5 “*Mineiro usa muito diminutivo em qualquer tipo de fala*” tem por objetivo avaliar a percepção dos mineiros em relação ao uso cotidiano de diminutivos, 46% dos entrevistados, nas diferentes faixas etárias, responderam que este uso não é recorrente; 27% disseram que concordam e 27% mantiveram-se no limite do neutro. Se forem somados os percentuais relativos aos que discordaram e aos que responderam em favor da neutralidade, observa-se que, de modo geral, entre os entrevistados, a tese de que o mineiro não usaria o diminutivo na fala cotidiana seria aceitável. Na pergunta de número 6 “*Só os mineiros da zona urbana falam as palavras de forma completa*”, a percepção dos mineiros em relação ao uso cotidiano de diminutivos é a seguinte: 93% dos entrevistados, nas diferentes faixas etárias, responderam que o uso da forma reduzida não é recorrente entre moradores urbanos, ou seja, os informantes consideram que a fala urbana constitui o padrão linguístico. De acordo com o resultado encontrado para a pergunta de número 7 “*Mineiro da zona rural nunca fala final de palavras*”, tem-se o seguinte: 77% dos entrevistados classificam os falantes mineiros da zona rural como aqueles que fazem uso constante das formas reduzidas. Os resultados mostrados aqui são coerentes no que diz respeito ao padrão linguístico: as formas reduzidas são reconhecidas como não padrão, de uso dos falantes da faixa etária acima dos 69 anos e que, por este motivo, tenderia a ser menos utilizada com o passar dos tempos.

Algumas conclusões

Neste trabalho, buscou-se conceituar estigma e comunidade de fala, mostrando as correlações entre estas noções. Em seguida, foram apresentados os resultados de um teste de percepção com o objetivo de tornar manifestas as avaliações dos falantes acerca de produções linguísticas de um dos estereótipos linguísticos do dialeto mineiro. Os entrevistados consideraram que todas as duas formas ‘*bonitinho*’ e ‘*bunitim*’ soam bem; esse resultado é surpreendente porque, embora reconheçam que a forma reduzida é não-padrão, os informantes a avaliam positivamente. Veja-se que a expressão “soa pior” tem a ver com afetividade e familiaridade, o que sugere que o estereótipo é reavaliado, quando o parâmetro deixa de ser a padronização e passa a ser a afetividade. Isto corrobora o que Labov (2008) postula: os traços de uma língua estão em constante avaliação no âmbito social: do mais ao menos marcado socialmente. ou seja, os informantes consideram que a fala urbana constitui o padrão linguístico.

Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola e agora?:** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LIPPMANN, W. **Public opinion.** Harcourt: Brace, 1922, 427 p.

OSGOOD, C. E., SUCI, G. J., TANNENBAUM, P. H. **The measurement of meaning.** Urbana, IL: University of Illinois, 1957.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Yakov (Ed.). **Directions for historical linguistics:** a symposium. Austin: University of Texas Press, 2006. [1968]. p. 95-195.